

A utopia da cidade: Londrina em **O trovador**, de Rodrigo Garcia Lopes

Marilu Martens Oliveira*
Antonio Roberto Esteves**

Resumo

Assim como historiadores recorrem a diferentes ramos do conhecimento para abordar o passado, o caminho inverso também ocorre: o entrelaçamento da literatura, por exemplo, com a história, a sociologia, a geografia, a psicologia, havendo a problematização entre o fictício e o real. Este artigo, centrado no romance de Rodrigo Garcia Lopes (2014), **O trovador**, trata da colonização do norte do Paraná, destacando a cidade de Londrina. Partindo da problemática de como tornar palatável um livro de 403 páginas, que foca fatos históricos, objetiva-se verificar, além da relevância do espaço, questões pertinentes à construção da narrativa. Destacam-se, portanto, o diálogo intertextual com diferentes obras, o conceito de biblioteca, sua caracterização como novo romance histórico; a estratégia usada para atrair o leitor, tornando-o um investigador a descobrir pistas, distinguindo o que é realidade histórica e o que é ficção.

Palavras-chave: **O trovador**. Rodrigo Garcia Lopes. Cidade. Espaço. Romance histórico.

La utopía de la cidade: Londrina en **O trovador**, de Rodrigo Garcia Lopes

Resumen

Así como los historiadores recurren a diferentes ramos del conocimiento para abordar el pasado, incluso la crítica literaria (KRAMER, 1992), el camino al revés también ocurre: el enlace de la literatura, por ejemplo, con la historia, la sociología, la geografía, la psicología, con la problematización entre lo ficticio e lo real. Este artículo está centrado en la novela **O trovador**, de extracción histórica, escrito por Rodrigo Garcia Lopes (2014), que trata de la colonización del norte de Paraná, con realce para la ciudad de Londrina. Partiendo de la problemática de cómo tornar palatable un libro de 403 páginas, que focaliza hechos históricos, se tiene por objetivo verificar, por medio de investigación bibliográfica, además de la relevancia del espacio, en la ciudad y en la obra, también otras cuestiones pertinentes a la construcción de la narrativa. Se destacan, de ese modo, el diálogo intertextual con diferentes obras y el concepto de biblioteca, en línea con el pensamiento de Samoyault (2008); su caracterización como nueva novela histórica; la estrategia usada para atraer el lector, para que él se vuelva un investigador a descubrir pistas (historia de detectives), incluso buscando percibir lo que es realidad histórica y lo que es ficción; la postura de la compañía inglesa, colonizadora, frente a la apertura de ciudades-jardín.

Palabras-clave: **El trovador**. Rodrigo Garcia Lopes. Ciudad. Espacio. Narrativa de extracción histórica.

Recebido: 30/03/2018

Aceito: 03/10/2018

* Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Professora Titular do Departamento de Ciências Humanas e Sociais. Doutora em Letras pela UNESP (Campus Assis/SP).

** Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Professor Livre-docente (aposentado) do Departamento de Letras Modernas, UNESP- Assis. Doutor em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) pela USP.

1 Introdução: E por falar em cidade...

Para Burke (2000, p. 245), “a história cultural também é uma tradição cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos da época estudada para os historiadores e seus leitores”. Por conseguinte, elegemos uma investigação exploratória, bibliográfica, calcada em diversificadas fontes sobre os temas enfocados, de diferentes épocas e perspectivas: literária, histórica, sociológica, geográfica, realizando um cotejo desses textos com a obra fulcro da investigação, que tem como centro uma cidade.

E a cidade é muito mais do que nosso olhar pode ver, do que nosso ouvido pode escutar, pois há perspectivas e disposições a serem exploradas, e todo elemento está ligado ao meio ambiente, assim como à memória, a lembranças de experiências do acontecido (LYNCH, 1960). Logo, podemos perceber como Rodrigo Garcia Lopes (2014) pensou Londrina para escrever seu primeiro romance, **O trovador**. A cidade é um espaço no qual cotidianamente a história se constrói, a partir das vivências de pessoas, comuns ou não, assim como o seu entorno. Há uma cidade visível, concreta, que produz imagens, ideias, sonhos, representações. Entretanto “[...] jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 2003, p. 61). Portanto, ao realizar considerações sobre a cidade e os símbolos, para mostrar sua abundância, mercadorias e lucros, Calvino opta por descrever palácios e suas riquezas, pátios, jardins e pavões. No discurso do londrinense, metaforizado ou denotativo, estarão presentes a mata, a natureza intocada e também a ação do homem sobre ela, o pó e a lama, trabalhadores e golpistas, diversões e luta ferrenha, enfim, um universo tão diversificado quanto a diversidade étnica de seus moradores.

Neste trabalho buscaremos, por conseguinte, focar a cartografia humana, mas, principalmente a geográfica (localização, cidade, natureza). De acordo com a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (1995, p. 18): “A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social [...] É esta dimensão que permite que o próprio espaço da cidade conte sua história”. Dessa forma, obviamente, há que se refletir então sobre sua população, seus moradores, tanto individual quanto coletivamente, pois de suas ações depende o destino da urbe e vice-versa, observando-se o espaço e aqueles que por ele circulam.

Sob esse viés será examinado o romance **O trovador** (LOPES, 2014) cuja principal protagonista é a cidade natal do autor, Rodrigo Garcia Lopes, professor doutor, tradutor, poeta, ficcionista, cantautor, músico, artista poliédrico. A cidade em questão, Londrina, situada no norte paranaense, tem sua história narrada de forma ficcionalizada. Para construir o relato da colonização/exploração da região, pela inglesa CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná (ligada inicialmente à Sudan Plantations Syndicate, devido ao seu diretor técnico Lord Lovat), o escritor realizou extensa pesquisa em documentos históricos, mapas, fotografias, filmes, livros e demais publicações, tanto do Brasil quanto do exterior (PORTELLA, 2013).

Para tornar o texto mais interessante a seus leitores potenciais, Lopes (2014) usou um estratagema à Umberto Eco (1986), em **O nome da Rosa**. Em primeiro lugar, um painel histórico bastante informativo (acontecimentos marcantes das décadas de 1920 e 1930, com ênfase nos fatos primordiais do ocorrido na região). Em seguida, a dupla detetivesca a investigar crimes (o tradutor escocês, dublê de investigador, Adam Blake e o delegado brasileiro Ubirajara Silva). Finalmente, enigmas desafiadores, envolvendo jogos de poder e intriga, nos quais até a casa real britânica estará enredada, assim como nazistas e seus simpatizantes, além de judeus fugidos da Alemanha, na cidade de Rolândia, que dista aproximadamente 25 km de Londrina. Três elementos estratégicos que costumam garantir o interesse do público leitor, misturando elementos básicos de modalidades narrativas muito populares: o romance histórico, o romance policial e o romance de espionagem e suspense.

Ainda seguindo os passos de Eco (1989, p. 15), o narrador lança as raízes de seu relato na “Idade Média, naturalmente”. Uma das histórias contadas em **O trovador** trata do trovador Arnaut Daniel, cujo poema *I3* será a pista inicial da série de assassinatos. Não é exatamente um manuscrito, mas uma cópia datilografada, que deverá ser traduzida e investigada pelo detetive Blake que se desloca da Inglaterra para Londrina especialmente para elucidar o enigma dos crimes em série. Mais adiante, entrará em cena um medievalista renomado, especialista na obra de Daniel.

O estopim da narrativa é um crime cometido pelo primeiro médico de Londrina, o alemão Kurt-Peter Müller (1894-1993), mais tarde oficial da SS (Schutzstaffel), na Alemanha. Ofendido em sua reputação, ele matou com três tiros o compatriota Julio von Schutz amante de Magdalene Bergan, sua esposa (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013, p. 23-24). Em princípio, uma simples história com o marido traído lavando com sangue a honra maculada. O fato, então, é contado no livro (LOPES, 2014, p. 77), desencadeando uma investigação sobre desaparecimentos que talvez tenham origem no crime passionai (o que mais tarde se mostra um equívoco). Outros homicídios acontecerão, assim como desfalques e sumiço de pessoas, o que prende o leitor até as últimas páginas, com acontecimentos e reviravoltas no melhor estilo folhetinesco, que caracteriza a narrativa policial (LOPES, 2014, p. 77-85).

Distintos lugares, como Londres (LOPES, 2014, p. 14-31, p. 151-156; p. 181-188); Surrey, com o Fort Belvedere - palácio real rural inglês, localizado na Shrubbs Hill, no Windsor Great Park (LOPES, 2014, p. 11-13, p. 382-390); as Terras Altas, na Escócia (LOPES, 2014, p. 168-174) surgem ao longo da narrativa. Na mescla entre realidade e ficção, marca característica do gênero, Rolândia, nas proximidades de Londrina, por exemplo, é palco das façanhas dos nazistas e demais alemães. Aparece como moradia do erudito judeu Emil Levy, figura histórica que na vida real escreveu um dicionário de provençal (LOPES, 2014, p. 194, p. 237-242, p. 288-289, p. 315-316, p. 352, p. 365).

Várias cidades paranaenses da região, muitas delas então pequenos núcleos, mais rurais que urbanos, aparecem com menor destaque, às vezes como meras referências: Nova Danzig/Dantzig, hoje Cambé (LOPES, 2014, p. 194, p. 314, p. 398); Jacarezinho (LOPES, 2014, p. 84); Cornélio Procópio, com a Serra Morena (LOPES, 2014, p. 84); São Jerônimo da Serra (LOPES, 2014, p. 133); Curitiba (LOPES, 2014, p. 53, p. 77), além de São Paulo (LOPES, 2014, p. 120, p. 141-142, p. 271).

No jogo entre dado histórico e ficção, destacamos o humor irônico do narrador, que brinca a respeito de acontecimentos que não ocorreram, mas que são importantes para a construção da trama. Um exemplo é a pretensa visita dos príncipes ingleses que nunca estiveram em Londrina:

- Foi a primeira visita de um príncipe de Gales ao Brasil – lembrou Garden.
- Ele fez um esforço especial para conhecer Londrina, do qual não nos esqueceremos – continuou o prefeito.
- Muita **gente na cidade não acreditou**- disse a anfitriã – **Por ser um 1º de abril**.
- Todos riram, menos Lovat. (LOPES, 2014, p. 71, grifos nossos).

A visita, na realidade, foi feita à cidade de Cornélio Procópio e a cena descrita – o portal de boas-vindas aos príncipes ingleses – também ocorreu nessa cidade, a uma considerável distância de onde cresceria Londrina.

- Aquele arco do triunfo ficou imponente. Ver a palavra *welcome* num portal no meio da floresta é de impressionar qualquer mortal, mesmo alguém já acostumado a recepções grandiosas como Edward.
- As perobas pintadas de branco ficaram parecidas com colunas de mármore, não é mesmo? – perguntou Günther. (LOPES, 2014, p. 74).

Assim, eventos históricos e fictícios se misturam no pano de fundo do romance. Da mesma forma se emaranham personagens históricos a personagens fictícios: Sir Winston Churchill, Lord Lovat, Getúlio Vargas, o príncipe da Inglaterra Edward, que depois se tornou o rei Edward VIII (LOPES,

2014, p. 12), a Sra. Wallis Simpson, o trovador Arnaut Daniel, o topógrafo Alexandre Razgulaeff (que foi quem desenhou o mapa da cidade, colocando seu marco zero) e o culto professor Emil Levy interagem com figuras imaginárias, seduzindo o leitor por meio daquilo que Burke (apud COUTO, 1994) denomina de “turismo temporal”: um passeio no tempo, via leitura. Fatos antigos, locais e pessoas são visitados, sabendo-se que haverá um retorno seguro.

Diferentes são os olhares que se voltam para uma obra e, neste caso, recorrendo aos estudos de André Trouche (2006), podemos dizer que se trata de um romance de extração histórica, visto que há um recontar da história oficial, com certas distorções (exageros, acréscimos, omissões). O diálogo intertextual, especialmente com textos históricos, é constante. Tal diálogo aparece marcado pela ironia e pela paródia, que é uma repetição com diferença, uma espécie de trans-tradução, ou seja, recriação, que dessacraliza ou ressacraliza. Pode-se dizer, portanto, que se trata ainda de uma metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991), uma vez que implica autorreflexão com apropriação de figuras e acontecimentos históricos, o que leva a uma análise crítica.

Ocorre, por conseguinte, um processo de intertextualidade em que o autor dialoga com outros autores e textos, de forma jocosa e criativa, acrescentando-se a conversa com o leitor e suas leituras, o que remete à biblioteca de Babel, de Borges, ilimitada, e também ao texto de Calvino (1999) – **Se um viajante numa noite de inverno** – no qual ele afirma que cada livro que lê passa a incorporar o livro unitário, soma de suas leituras, e que deseja que seus leitores leiam algo que ele não saiba. Portanto, é o leitor que dará vida ao livro, que o libertará, a exemplo de um pássaro preso em gaiola, que, solto, dirige-se à imensidão do universo, a biblioteca universal, babelizada.

Para definir intertextualidade, Tiphaine Samoyault (2008, p. 123) lança mão, acompanhando os passos de Borges e do próprio Eco, ele mesmo seguidor do escritor argentino, da ideia de que “o universo é uma biblioteca”. Para a pensadora, “a literatura se escreve, certamente numa relação com o mundo, mas também apresenta-se numa relação consigo mesma, com sua história, a história de suas produções” (SAMOYAUULT, 2008, p. 9). Daí o porquê se pensar, então, a intertextualidade como uma espécie de memória da própria literatura onde cada obra faria uma leitura dialógica com as obras dessa imensa biblioteca que enfim constitui a memória de livros que se leem e se releem de modo contínuo. Muitas vezes, esse leitor-detetive, pode, seguindo as pistas, descobrir as interações entre os textos que surgem, diretamente citados em suas linhas, ou que são entrevistados no labirinto de palavras e sentidos que constitui cada texto.

Nesse jogo fundamental com a biblioteca, técnico e lúdico ao mesmo tempo, Samoyault (2008, p. 89) dá um papel fundamental ao que chama de “peneira do leitor”, no qual ele é solicitado pelo intertexto em quatro planos: “sua memória, sua cultura, sua inventividade interpretativa e seu espírito lúdico” (SAMOYAUULT, 2008, p. 91). Assim, o leitor erudito que é Lopes, transformado em narrador, lançará mão de todos esses planos, na convocatória que faz a seus eventuais leitores.

E esse leitor poderá optar por várias direções: tudo que reluz é ouro? São verdadeiras as informações ali encontradas? Se seu repertório histórico/geográfico e literário, principalmente, for amplo, será divertido identificar o que é verdadeiro e o que é “ouro de tolo”. Entretanto, se for mais restrito, provavelmente se sentirá instigado a bancar o detetive e a procurar em fontes fidedignas respostas para suas dúvidas.

2 Londrina polifônica: nativos e estrangeiros

A região norte do Paraná, com perto de 100 mil quilômetros quadrados, normalmente é dividida, para fins didáticos, de acordo com sua ocupação, em três áreas: norte velho, norte novo (das barrancas do rio Ivaí até o rio Tibagi, margem direita) e norte novíssimo. Londrina está situada no norte novo (CHIES; YOKOO, 2012).

Deste modo, quando se pesquisa sobre a colonização da filha de Londres e seu entorno, um nome se destaca: o do agrimensor francês Ludovic Gimer Surjus, que pisou no solo do estado do Paraná em 1927, começando a trabalhar para a Companhia de Terras Norte do Paraná em 1935, contratado por Arthur Thomas. Chamado por Raimunda de Brito Batista (2005, p. 16) de “desbravador aprendiz”, ele encetou então o registro do que via, do que fazia e do que acontecia, deixando diários de inestimável valor, pois dedicou sua vida a “desbravar novas fronteiras geográficas e culturais” (BATISTA, 2005, p. 17). Deste modo, o testemunho de uma pessoa extremamente metódica e organizada liga sua história pessoal com a da região, auxiliando na criação de uma identidade não só pessoal. Fauna, flora, acidentes geográficos, trabalho e trabalhadores, aspectos da culinária, episódios históricos (nacionais e internacionais), fatos do cotidiano, questões econômicas e culturais, relações familiares e de amizade, mapas regionais, diferenças (França/Brasil) foram anotados com riqueza de detalhes, de 1944 a 1985.

21-2-44 – Em Apucarana soube que Alexandre estava com tifo. (SURJUS apud BATISTA, 2005, p. 165).

23-02-44 – Em lugar de ir a Jataí, o José Trigo bebeu tudo que recebeu. [...] Gastou tudo estupidamente como sempre. (SURJUS apud BATISTA, 2005, p. 165).

5^a.f 28-09-44. Estes últimos dias os mosquitos tem transformado a nossa vida em um inferno. É curioso como os animaes observam as cousas, o burro ficou parado mais de uma hora perto do fogo porque ahi não havia mosquito. O Pedro deu dois tiros de tarde e trouxe uma jacutinga, o Antônio trouxe peixe. (SURJUS, apud BATISTA, 2005, p. 138).

4^a. feira 21-2-45 – Levantamos cedo preparando a sabida de Astorga que por enquanto é só um nome teria sido assim denominado pelo **Dr. Alexandre Rasgulaeff**. (SURJUS, apud BATISTA, 2005, p. 146, grifo nosso).

Sábado 27-10-1945 – [...] Nilo e Marciliano foram colher Jaboticabas, o processo usado foi derrubar a árvore. Brasileiro do povo tem mesmo ódio a árvores. Índio não faz isto. (SURJUS apud BATISTA, 2005, p. 165).

Domingo 28-10-1945 – Levantei o córrego No. 1 acima da reta. De tarde fui caçar e matei um macuco com a espingarda nova. Errei um tiro. (SURJUS apud BATISTA, 2005, p. 165).

1985 - 27 maio segunda-feira – De tarde Julieta me comunicou que o Dr. Carlos telefonou a Marise que o **Dr. Joaquim Vicente de Castro**, meu amigo de longos anos, **que instalou o município de Londrina em 1934 e foi seu primeiro prefeito faleceu** em Apucarana as 3:1/2 da madrugada. (SURJUS apud BATISTA, 2005, p. 336, grifo nosso).

Ressaltamos que Bilenki (1992), a respeito da escrita de um diário, coloca que nele os acontecimentos registrados são recentes, havendo o destaque de pensamentos, opiniões, sentimentos, ao contrário de fatos rememorados, quando a reconstituição se torna mais complexa e distante, implicando escolhas e também esquecimentos, pois a memória é seletiva e falha. E Batista (2005) recorre também a essa fonte, ao comentar os diários de Surjus, cuja presença pode ser notada n’ **O trovador**. Certamente serviram de modelo não só para referências a pessoas e acontecimentos, mas para a construção de personagens, e ainda para o delineamento da paisagem da terra roxa, com densas florestas e pequenos vilarejos que se formaram, posto que o cenário histórico é relevante, conferindo verossimilhança à narrativa. Assim, Lopes, escritor cidadão e cosmopolita, na seção de seu romance chamada de “Inferno Verde”, descreve de forma impactante a mata, o que contribui para o clima claustrofóbico e assustador em que se encontra Blake, ferido em um atentado, ressaltando, desse modo, a importância do espaço no enredo:

Uma escuridão asfixiava a luz da manhã no interior da mata. Por toda parte, labirinto de galhos, parcialmente engolidos pela fumaça da evaporação acelerada da espessa camada de húmus. Figueiras gigantescas, perobas, cedros, guapuvurus e paus-d’alho se impunham na vegetação, sendo agarrados por todos os lados por musgos e cipós da grossura de pulsos humanos. Rendas de raízes aéreas oscilavam suspensas no negrume, estrangulando as árvores, compondo um véu extenso que parecia unir a selva sob a penumbra úmida. O solo parecia se mexer com o movimento subterrâneo de milhares de formigas e cupins. A umidade opressiva era composta de odores malcheirosos de decomposição de cascas, folhas, frutas, troncos e carcaças de animais. As sombras da mata virgem

assumiam formatos assustadores. Os gritos desesperados dos macacos agarravam o ar e se uniam à massa ensurdecadora e compacta que vinha do exército de cigarras e besouros ecoando dentro da floresta. (LOPES, 2014, p. 117).

Em contraponto, mais bucolicamente, escreve sobre cerca com alamandas, parreiral, casa feita com troncos de palmitos, galinheiro, mostrando que “o brilho deslizante dos vagalumes, o som da mata e dos sapos enchia a escuridão”, ao focar o povoado de Heimtal, na zona norte de Londrina (LOPES, 2014, p. 87).

Em outros trechos aparecem, além das já nominadas, inúmeras plantas e árvores próprias da região: ipomeias, araucárias, flamboyants, sibipirunas, jacarandás, barbas-de-bode, bromélias e bambuzais. Em ambos os autores – o francês e o londrinense – nota-se a natureza selvagem, agressiva, inóspita instigando a maioria das pessoas a reagirem de acordo com ela, a exemplo dos romances realistas e naturalistas: um certo determinismo, homem fruto do meio.

Mas Surjus, pessoa real, continuou a ser o homem de letras, dedicado ao conhecimento, às artes, trabalhador, fugindo do estereótipo do europeu que veio para dominar, explorar e esmagar. Já Lopes replica, ao longo da narrativa, informações sobre a região, tanto na questão humana quanto física. Por uma questão de verossimilhança, entretanto, censura de forma acerba a postura britânica, quando Giuliani, o fotógrafo inspirado em José Juliani (que veio com sua família para Londrina em 1933, e se tornou conhecido como “o fotógrafo lambe-labe”, “o fotógrafo-colono”), afirma: “Ninguém acredita quando digo que o que está acontecendo no norte do Paraná é o último exemplo de colonialismo britânico no mundo”. (LOPES, 2014, p. 276). Ainda retruca, a respeito da “boa ação” da CTNP:

– *Ma che* reforma agrária? Vocês britânicos compraram uma imensa área de mata virgem a preço de banana, numa das terras mais férteis do mundo. Pegaram essas terras griladas valiosíssimas, espantaram índios e posseiros, depois as lotearam, e agora estão revendendo muita coisa bem acima do preço, em muitos casos com mil por cento de lucro. (LOPES, 2014, p. 276).

Outra forma de crítica, mais leve, que o escritor realiza é quando brinca com a nobreza – até pelo gênero de texto que realiza–, ironizando e desconstruindo a fleuma britânica, a postura da realeza e a honestidade atribuída aos cidadãos ingleses e alemães.

Também o romance de detetive é levado em conta, beirando o pastiche, pensamos que de forma proposital, visto que o autor estudou a técnica de se escrever uma obra policial, elogia Poe e seus métodos (PORTELLA, 2013), e é um conhecedor do *métier* de escritor, por razões de ofício: sua formação acadêmica e práxis de lidador de palavras.

Dessa maneira, quando comenta o crime acontecido na residência do casal Müller, germânico, destaca-se o *décor*, adequado – principalmente no que tange ao tipo de telhado (LOPES 2014, p. 87) – e remete, em grande parte, à fotografia documental da época, registrada em livro de Bonni, Unfried e Benatto (2013, p. 23), e ao afirmado por Rolnik (1995) sobre o espaço que conta a história da cidade.

Era uma **casa ampla de madeira**, com uma varanda generosa adornada por lambrequins. O **telhado triangular lhe dava um ar europeu**. **Trepadeiras** e **ipomeias** haviam coberto partes do telhado. Um vidro trincado tinha o aspecto de uma grande teia de aranha. Ao lado da casa havia uma enorme **mangueira** com a copa em plena florescência (LOPES, 2014, p. 91, grifos nossos).

Mais uma representação deste período, refletida n’*O trovador*, é a feita por Tony Hara (2014, p. 21-24), ao escrever sobre a cidade de Londrina em seus oitenta anos, com textos e depoimentos de pesquisadores e moradores, contando que o território conhecido como Gleba Três Bocas foi inicialmente ocupado pela tribo dos Kaingang, assim como por caboclos (safristas) que criavam suínos, abriam picadas, desmatavam a floresta com machado, faziam queimadas, plantavam capins, enfim, trabalhavam muito e duramente. Até que chegaram os ingleses da CTNP, subsidiária da Paraná Plantations Ltda, fundada em 1924, que teve como um dos sócios Simon Joseph Lovat Fraser, 14º. Lord Lovat, liquidada em 1942 e vendida à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), pertencente a brasileiros (CMNP, 1975).

Esses colonizadores ingleses, com suas ideias de cidade aberta, bonita, higienizada e com terra fértil propagandeadas aos quatro ventos (LOPES, 2014, p. 272), criaram a imagem de um novo paraíso terreal aproveitada no livro de Lopes (2014, p. 56-57) e de inúmeros outros pesquisadores, que ofereceram restrições a ela, expondo o interesse capitalista da CTNP, que chegou a afirmar ter realizado um tipo de reforma agrária, por vender pequenos lotes de terra.

Sobre a CTNP há um episódio jocoso relatado pelo advogado Alberto João Zortéa: em 1937, ele caminhava ao lado do Promotor de Justiça, Rubens Santa Rita, pela Rua dos Pecados, cheia de lama e sem luz elétrica, ambos já tendo bebido bastante. O Promotor caiu, e muito enlameado proferiu toda sorte de impropérios, acrescentando: “Esses ingleses miseráveis além de roubarem nossas terras, vendem-nas com grandes lucros e em contrapartida nada nos dão, nem luz elétrica, para iluminar nosso caminho.” Resolveram então apagar, com tiros, as lâmpadas que só existiam em frente à sede da Companhia (ZORTÉA, 2015).

Outro pesquisador também discorda da visão que ele chama de “discurso Norte do Paraná” ou “fantasmagoria”, do qual faz parte a ideia de sertão despovoado, de região a ser desbravada, o que aconteceu sem conflitos violentos, estando implícitos:

[...] progresso, civilização, modernidade, colonização racional, ocupação planejada e pacífica, riqueza, cafeicultura, terra roxa, pequena propriedade, ‘terra onde se trabalha’, pioneirismo etc. É um discurso construído ao longo de todo o século XX, mas principalmente entre os anos 1930 e 1950, procurando criar uma versão, do ponto de vista de quem domina, para o processo de (re) ocupação desta região. (TOMAZI, 1997, p. 6).

Dessa forma, com apupos e aplausos, foi sendo construída a cidade-jardim, no topo do espigão, e todas as outras que se formaram ao longo dos trilhos da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, planejadas, mas que acabaram não seguindo o traçado caprichado, esteticamente idealizado para remeter à “Garden City” inglesa. Mesmo Lévi-Strauss, que esteve em Londrina em 1935, e escreveu sobre a região, surge como personagem (LOPES, 2014, p. 132), percorrendo a cavalo a região, interessado na diversidade humana e, em especial, nos índios coronados. Segundo Hara (2014, p. 188-189), ele postula que tal diversidade provocou ainda a diversidade física, em cidades como Nova Dantzig (Cambé), Londrina, Rolândia e Arapongas, as quais, apesar de projetadas de forma racional e simétrica, permaneceram insensíveis aos espaços, posto que são zonas intersticiais entre a criação artificial e a natureza. Ressaltamos, pois, essa diversidade, esse caldeirão étnico presente na obra de Lopes (2014, p. 33) – japoneses, ingleses, italianos, alemães, austríacos, espanhóis, portugueses, russos, ingleses, franceses, turcos, escoceses e brasileiros de diferentes regiões do país, inclusive indígenas. Eles também aparecem na obra de Batista (2005, p. 16), um de seus intertextos: “[...] 33 nacionalidades que para cá vieram atraídas pelas propostas da C.T.N.P.)”, e que com suor e muito trabalho construíram nossas cidades.

Isso nos incita a pensar em Calvino, que, ao discorrer sobre **As cidades invisíveis** e ao se debruçar sobre “as cidades e os nomes” assevera:

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente [...]. (CALVINO, 2003, p. 119).

Corroborando, aponta Esteves (2008, p. 53), ao discutir a ficção de cunho historiográfico, que é interessante ler “os signos da história” sob diferentes vieses, diferentes “facetas identitárias”. E diferentes são, como demonstrados, os discursos que representarão a cidade de Londrina, conhecida como: Babel, Filha de Londres, Pequena Londres, Eldorado, Novo Eldorado, Eldorado Cafeeiro, Ouro Verde, Éden, Nova Mesopotâmia, Terra da Promissão, Nova Canaã, Cidade do Ouro, Cidade Jardim, Nova Califórnia, Cidade Vermelha, Cidade de Madeira, *Far West*, Terra dos Perobais (RUIZ,

2017; LOPES, 2014; ARIAS NETO, 2008; BATISTA, 2005; FRANCOVIG, 2005; TOMAZI, 1997, ROCHA, 1947; PARANÁ-NORTE, 1936). Outros qualitativos são citados por Arias Neto (2008, p. 102) que os considera muito exagerados: “Cidade Milagre, Mina de Ouro do Brasil, Cidade Progresso, Grande Empório, Capital do Norte e Capital do Café”.

Enfim, de acordo com suas expectativas, crenças, vitórias e derrotas foram as expressões utilizadas pelos indivíduos que pela cidade passaram/ficaram. Golpistas, meretrizes, cafetinas, jogadores, “limpa-trilhos” e “quebra-milhos” – jagunços/ polícia particular da CTNP (LOPES, 2014, p.273-274) –, safristas, machadeiros, trabalhadores diversos, políticos, pequenos e grandes agricultores, comerciantes, jornalistas, nacionais e estrangeiros. São pessoas do bem e do mal que ajudaram a edificar a cidade, derrubando árvores, limpando capoeiras, queimando o mato e fazendo com que se ouvisse de longe o som das serrarias, anunciando vida nova, em terra nova. Em sua maioria são anônimos, bastante promissores, por isso mesmo, para serem utilizados pela ficção. E assim aparecem no romance de Lopes.

3 Londrina aventureira: trabalho, amor e morte

De início era a floresta. Bruta. Gigantesca. Contorcendo-se nos cipós esguios. Estabilizada nas perobas e figueiras milenárias. Guardando embaixo de sua sombra o húmus vermelho que os séculos criaram. Um dia veio o homem. Mudaram os ruídos sonoros da floresta pelo som abrupto das derrubadas. Abriram-se clareiras e fizeram-se ranchos. Criaram-se plantações. E Londrina veio depois. Resposta da terra fértil à semente que o homem lhe confiou. Orgulhosa hoje de seus milhões de cafeeiros, de seus arranha-céus suntuosos, da azáfama de seu povo com fibra de pioneiro, do movimento de suas ruas bem delineadas, de tudo que nela se criou. (PREFEITURA MUNICIPAL, 1958, p.1 apud ARIAS NETO, 2008, p. xii).

No excerto acima há uma descrição laudatória da cidade, realizada pelo poder público londrinense no final dos anos 1950, a exemplo do que fazia a CTNP, para atrair compradores para seus lotes e plantar cidades ao longo dos trilhos de ferro. Como uma espécie de epígrafe, um paratexto introdutório, Lopes (2004, p. 7) coloca em um papel de carta timbrado, o nome da companhia colonizadora: PARANA PLANTATIONS LIMITED. Em seguida, a misteriosa data 1-4-1931. Nessa página, primeira pista a ser seguida pelo leitor-detetive, vem um poema conhecido como 13. Trata-se de uma cantiga de amor, provençal, escrita pelo trovador Arnaut Daniel, que vai aparecer traduzida nas p. 22-23. É o índice da trama – assassinatos em série –, talvez como pista a alertar o leitor ainda desavisado sobre o envolvimento de pessoas da empresa inglesa. Entretanto uma outra face desse Éden, descrito em publicações do município, aparece no discurso do delegado, colocando como pioneira, ao lado de trabalhadores, uma malandragem variada:

– Os senhores não imaginam a dificuldade que encontramos pra manter a lei nesta cidade. Não bastassem a prostituição e a jogatina, que andam aumentando muito...há uma carência de mulheres na cidade. Além disso, meus inspetores de quarteirão têm tido todo tipo de problema com os picaretas, pistoleiros e malandros. A clientela anda tão grande que estamos exportando para Jacarezinho... (LOPES, 2014, p. 84).

O cronista Rubem Braga, que esteve no Paraná pela primeira vez em 1934, a trabalho, relata que na época Londrina tinha dois mil habitantes e que ao voltar em 1940, para uma caçada às margens do Tibagi, sua população já era de doze mil pessoas. Acrescenta que quando retornou, pela terceira vez, no início dos anos 1950, havia perto de 35 mil moradores e também o espaço físico havia sofrido verdadeira revolução, acontecendo o mesmo com as pessoas que ali circulavam:

No lugar das casas de madeira que conheci antigamente, Londrina está cheia de prédios novos — e

os edifícios de cimento armado, de linhas modernas, crescem em vários pontos. A cidade tem todo o conforto, tem vida noturna com damas cariocas, argentinas e uruguaias, tem boate, pode chamar cantores internacionais que não vão a Curitiba — e tem também uma das maiores criminalidades do mundo. Não é segredo para ninguém que muitas autoridades já foram corrompidas aqui: é difícil, com um ordenado mesquinho, ter uma verdadeira ascendência em uma terra em que as fortunas nascem de súbito e a vida é frequentemente mais cara que no Rio de Janeiro. (BRAGA, 1952).

Braga ainda exemplifica que pagava ao barbeiro o mesmo preço, na terra vermelha, que o cobrado em uma barbearia situada no anexo do Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. Informa ainda que o delegado de então queria prender os malfeitores antes da safra, quando os golpes aumentavam e o número de otários, ingênuos, se multiplicava grandemente.

Londrina, capital desse mundo novo, cresce com imponência, fica importantemente urbana, gasta seus montes de dinheiro com uísque, cimento e luxos; mas a poeira do trabalho ainda lhe dá um ar rude, o barulho dos caminhões carregados ainda lhe proíbe qualquer doçura — pois só a idade e a discreta indolência podem fazer a cidade dos homens abençoada pelo espírito, pela sabedoria e pela graça de viver. (BRAGA, 1952).

E os fatos tratados n' **O trovador** ocorrem mais ou menos na época em que Braga esteve por aqui: tudo acontece em 3 meses (setembro a dezembro de 1936), numa narrativa histórico-policialesca, em torno do desaparecimento de funcionários da CTNP: o médico Müller, sua mulher e o contador Nussbaum (LOPES, 2014, p. 25-27). Muitas pessoas serão assassinadas e, para resolver o mistério, Lord Lovat traz um detetive-tradutor, cujo nome é significativamente Adam Blake, para ajudá-lo a desvendar o que anda acontecendo naquilo em que o que mais se destaca é o sertão a ser explorado, a mata.

E é na seção “No coração da floresta” (LOPES, 2014, p. 32-36) que se inicia a aventura inglesa em terras de Rodrigo Garcia Lopes, que realizou profunda pesquisa histórica, colocando as informações de forma agradável, deixando pistas também para que os iniciados em Londrina a reconheçam. Por conseguinte, como faz parte da natureza do gênero em questão, realiza-se uma interpretação do passado, às vezes até de fatos pouco conhecidos. Há referências às diversas etnias presentes na cidade (LOPES, 2014, p. 33), ao início da colonização com a Missão Montagu (LOPES, 2014, p. 33), investigatória-financeira; ao Coronel Barbosa Ferraz, grande latifundiário (LOPES, 2014, p. 33); à compra, pelos ingleses, de quase 20% de terras paranaenses do vendedor (governo estadual) por uma bagatela (LOPES, 2014, p. 34); aos estabelecimentos comerciais: Casas Pernambucanas, Casas Fuganti, Serraria e Cerâmica Mortari, Casas Catharinenses, Padaria Esmeralda, Hotel Campestre, Hotel Berlim, entre outros; às moças de cabarés e suas patroas que vendiam o amor – Londrina se notabilizou pelo grande número de casas e de trabalhadoras do sexo (LOPES, 2014, p. 101-116); à cidade e suas fronteiras:

Minutos depois ainda estava claro o bastante para que tivessem uma bela e estranha visão: as plantações de café, milhares de pontos verde-escuros formando desenhos sinuosos na pele vermelha da terra. Sobrevoaram o terroso rio Tibagi e a ponte sobre ele. A oeste, o pôr do sol ardia como um incêndio fora de controle.

– Londrina, senhores – avisou o piloto. [...]

O tapete da mata virgem pouco a pouco foi sendo substituído por manchas retilíneas de áreas povoadas, sítios, estradas e plantações. Pequenos rios serpenteavam a floresta e devolviam os reflexos do sol, como se feitos de mercúrio.

[...] O avião sobrevoava a cidadezinha que parecia uma enorme clareira povoada, recortada na mata, deixando entrever centenas de telhados. O pontilhado de casas tinha um círculo central e ruas traçadas num formato de tabuleiro de xadrez, com uma longa avenida principal cortando o círculo em forma de elipse. No coração da cidade erguia-se uma igreja de madeira, ocupando o alto de uma colina coroada de perobas. [...]

A praça principal, vista do alto, tinha o formato da bandeira da Inglaterra. Observou também o traçado da linha férrea atravessando a cidade em sentido leste-oeste, ladeada por dezenas de galpões, pátios e barracões. (LOPES, 2014, p. 36).

Em suma, a pequena Londres e seus arredores são descritos com minúcias, inclusive com o traçado da idealizada cidade-jardim. Mais à frente, há uma extensa exposição do local em que foi construída a sede da “MAIOR EMPRESA COLONIZADORA DA AMÉRICA DO SUL”, do crescimento do município, que já contava “com mais de trinta mil habitantes”, do seu comércio e de suas dificuldades, como saneamento básico, ruas precárias (batizadas com pó ou lama), mau odor do matadouro e violência crescente (LOPES, 2014, p. 45-47). Entretanto nada disso afastava pessoas que chegavam como moscas atraídas pelo mel da propaganda alardeada sobre o novo Eldorado.

4 Londrina vermelha, de amor e poeira

Como o Grande Khan, personagem de Calvino (2003, p. 97), poderíamos dizer a Rodrigo Garcia Lopes: “– Portanto, na realidade a sua é uma viagem através da memória! [...] É para se desfazer de uma carga de nostalgia que você foi tão longe!”. Mas não seria correto, pois não é só nostalgia o sentimento que o marca: é o amor, a vontade de registrar fatos passados, documentados e poetizados, para que todos saibam quem foi a criança Londrina, quem é a moça Londrina, quem é a balzaquiana Londrina que ainda não chegou aos cem anos, que ainda não se tornou uma senhora idosa.

A terra vermelha de sangue, de amores acontecidos e, muitos, perdidos no pó ou na lama, é aquela que foi pisada por desfavorecidos e por aqueles que se favoreceram com a sua colonização, retratada em um romance com forte carga histórica, humorística e poética. O autor não pesquisou plantas arquitetônicas, como Umberto Eco (1986), entretanto recorreu a fotografias, mapas e a outros diversos tipos de fonte para construir uma narrativa que pinta um painel de sua terra natal, a cidade chamada de pequena Londres. E quem a conhece/conheceu há tempos, reconhece espaços, ruas e lugares, estabelecimentos comerciais e clubes, fatos e pessoas, e até mesmo personagens as quais, ainda que fictícias, lembram alguém, por suas características e atitudes. Reconhece as perobas onipresentes, que deram nome ao câmpus da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em seus primórdios; as Casas Fuganti, com seu “chá da tarde” e diversidade de bons produtos; os japoneses fotógrafos e cineastas que registraram as primeiras imagens daquela que iria se tornar a segunda cidade do estado, em número de habitantes; a gastronomia babelizada pelas etnias que tornaram Londrina um pequeno centro cosmopolita; os homens de terno de linho branco e revólver na cintura, escorregando na lama enquanto se dirigiam aos bordéis; o mito da colonização pacífica – pioneiros vistos como heróis – e o discurso “Norte do Paraná” construído sob o patrocínio da CTNP (TOMAZI, 1997); os enigmas que devem ser desvendados pelo leitor de **O trovador**, um romance histórico que dialoga com o passado, o presente e o futuro. Tudo isso torna a obra envolvente e enigmática, à disposição de Sherlocks do século XXI.

Referências

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). 2. ed. rev. Londrina: EDUEL, 2008.

BATISTA, Raimunda de Brito. **Ludovic Surjus**: história, histórias. Londrina: Atrito Art, 2005.

BILENKI, Marlene. **A poética do desvio**: a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos. 1992. 232 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BRAGA, Rubem. Dois repórteres no Paraná. 23 de janeiro de 1952. In: DOCLONDRINA Blogspot. **Rubem Braga de passagem por Londrina**. Disponível em: <<http://doclondrina.blogspot.com.br/2012/06/rubem-braga-de-passage-m-por-londrina.html>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

BURKE, Peter. A invenção da história. COUTO, José Geraldo. **Folha de S. Paulo, “Mais!”**. São Paulo, 11 set.1994. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/11/mais!/6.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHIEES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do norte paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Revista GEOMAE- Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino**, FECILCAM, Campo Mourão, v. 3, n. 1, p. 27-44, 1º. sem. 2012.

CMNP- Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. Depoimentos sobre a maior obra do gênero desenvolvida por uma empresa privada. 24/09/1975. Disponível em: <<http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas Andrade. Rio de Janeiro: Record: 1986.

ECO, Umberto. **Pós-Escrito a O Nome da Rosa**. Tradução de Letizia Z. Antunes e Álvaro Lorencini. 3.ed., São Paulo: Nova Fronteira, 1989.

ESTEVES, Antonio R. Considerações sobre o romance histórico (no Brasil, no limiar do século XXI). **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, 2008, v. 4, n. 4, p. 54-66.

FRANCOVIG, Carlos. **Ouro verde e café quente**: 50 anos de literatura em Londrina. Londrina: O Autor, 2005.

HARA, Tony. **Oitenta vezes Londrina**: cotidiano, história e trajetórias de vida. Londrina: Kan, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRAMMER, Lloyd S. **Literatura, crítica e imaginação histórica**: O desafio de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-173.

LOPES, Rodrigo Garcia. **O trovador**. São Paulo: Record, 2014.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The Technology Press: Harvard University Press, 1960.

- PARANÁ-NORTE. Mais uma etapa. 05/01/1936. In: ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)**. 2. ed. rev. Londrina: EDUEL, 2008. p. 46.
- PORTELLA, Cláudio. Entrevista- Rodrigo Garcia Lopes. **Candido**. Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. 23 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/arquivos/File/Capa_candido23OK_gi.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.
- PREFEITURA MUNICIPAL. Eis aqui sua Londrina... só para ter uma ideia. Londrina. Março, 1958, p. 1. In: ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)**. 2. ed. rev. Londrina: EDUEL, 2008. p. xii.
- ROCHA, José de Oliveira. Nova Mesopotâmia. **Revista Terra Roxa**, Londrina, n. 1, junho de 1947. In: ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da política em Londrina – 1930-1975**. Londrina: EDUEL, 2008. p. 67.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 4. reimpressão da 1ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RUIZ, Glacy Weber. **Londrina: história de Londrina**. Disponível em: <<http://www.weber-ruiz.com/londrina.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- SAMOUYALT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: História e fantasmagorias**. 1997. 342 f. Tese (Doutorado em História) - Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.
- TROUCHE, André. **América: história e ficção**. Niterói: EdUFF, 2006.
- ZORTÉA, Alberto João. “Londrina através dos tempos e crônicas da vida”. In: BLOG –Doc. Londrina. **O homem que mandou bala nos ingleses** Disponível em: <<http://doclondrina.blogspot.com.br/view/timeslide>>. Acesso em: 15 dez. 2015.